



Experiência internacional

Atual presidente da ICOH fala da evolução da SST no mundo

► Entrevista ao jornalista Alexandre Gusmão

A trajetória do engenheiro finlandês Jukka Takala é uma das mais impressionantes na área prevencionista mundial. Ele começou na Europa, atuando em seu país, mas depois de algum tempo decidiu conhecer a realidade e ajudou a mudar o cenário de países muito diferentes, começando na África. Atuou na Ásia e por muito tempo chefiou o departamento da OIT que cuidava da SST mundial, o *Safework*.

Apesar de toda a sua experiência, Takala é extremamente simples e acessível. Numa conversa durante o Congresso Nacional da Anamt em que esteve presente no Brasil, ele falou sobre a sua trajetória e a evolução da prevenção no mundo ao diretor da Revista **Proteção**, jornalista Alexandre Gusmão.

Ele observa sobre a possibilidade de auxílio aos países pobres para que melhorem suas condições de trabalho por meio de programas promovidos pela OIT e financiados por países ricos. Porém, frisa que a obtenção destes recursos não é fácil e que manter os programas também pode ser complicado. “Quando há comprometimento de governo temos uma boa oportunidade. Já quando os governos são corruptos ou não interessados é muito difícil porque o comprometimento pode ser apenas este ano e daqui há cinco anos, quando mudar o governo, não se sabe”, reflete Takala.

Em que momento o senhor voltou suas atenções para a saúde do trabalhador?

Minha primeira experiência com Segurança e Saúde do Trabalho foi na Universidade Técnica na Finlândia. Sou engenheiro mecânico, mas era um curso mais voltado à segurança de máquinas para técnicos da universidade e os estudantes. Este foi meu primeiro contato nos anos de 1971, 72 e 73. Quando acabei esse curso fui trabalhar no Ministério da Saúde na Finlândia. Foi um período de expansão da SST na Finlândia. O Ministério da Saúde era também responsável pela inspeção em Saúde e Segurança do Trabalho. Foi meu primeiro trabalho como um jovem inspetor nessa área. Naquela época estabelecemos uma organização totalmente nova para a inspeção do trabalho e também para os regulamentos do governo para com esta área. A Segurança e Saúde do Trabalho estava surgindo em todo mundo, não só na Finlândia, mas não podíamos fazer as leis da nossa imaginação. Era importante conhecer a situação em outros países como, por exemplo, o modelo sueco ou o modelo da Dinamarca. Um dos meus primeiros livros de pesquisa sobre SST foi uma enciclopédia antiga da OIT sobre SST, uma versão que não existe mais, cujo editor foi Luigi Parmeggiani, antigo presidente da ICOH. Este foi um primeiro trabalho, mas na verdade estou há 44 anos trabalhando todos os dias com Saúde e Segurança Ocupacional.

Após sua experiência na Finlândia, o senhor foi para a África? Como foi?

Um dos meus amigos estava trabalhando com os trabalhadores nas minas de cobre na Zâmbia. Era um mundo totalmente diferente, muito interessante. Uns três meses depois de ter conversado com esse meu amigo, li uma reportagem numa revista da Finlândia que falava sobre um trabalho da OIT em Nairobi financiado pelo governo da Finlândia. Era uma oportunidade para mim. Naquele momento minha experiência em Saúde e Segurança do Trabalho eram seis ou sete anos como chefe de uma unidade de segurança de máquinas na Finlândia. Então, o Ministério de Assuntos Exteriores me entrevistou para esse trabalho na OIT em Nairobi. Havia outros ótimos can-

“

Um dos meus primeiros livros de pesquisa sobre SST foi uma enciclopédia antiga da OIT sobre SST, uma versão que não existe mais, cujo editor foi Luigi Parmeggiani, antigo presidente da ICOH

Takala reforçou em seu discurso durante congresso da Anamt sobre a necessidade de se trabalhar na base da pirâmide e desenvolver políticas que eliminem a exposição ao risco



didatos e eu era um jovem engenheiro com somente 28 anos, mas consegui meu primeiro trabalho na África. Eu tinha participado de algumas conferências na Europa e também em países nórdicos, mas nunca tinha visitado a África. Era totalmente novo para mim. O primeiro lugar que visitei na África para uma espécie de introdução foi Adis Abeba. Depois fui a Bujumbura e Dar es Salaam. Bujumbura é a capital de Burundi. Finalmente mais tarde eu conheci Dar es Salaam, onde fiz uma oficina, e depois cheguei em Nairobi. Não tem unidade da OIT em Nairobi, mas sim um Programa das Nações Unidas no Quênia no qual me inseri. Acabei ficando no Ministério do Trabalho em Nairobi. Nos meus primeiros dias de trabalho havia somente cinco inspetores. Depois de cinco anos já tinham 120 inspetores.

A partir do seu trabalho junto ao governo do Quênia foram formados novos inspetores?

Sim, auxiliei na formação para que obtivéssemos novos inspetores com diversas especialidades como engenharia, medicina, química, física entre outras. Tornou-se uma boa organização que incluía também pequenos laboratórios e unidades clínicas móveis que foram doadas por institutos finlandeses. Para nós, finlandeses, eram um pouco antigas, mas serviam. Elas incluíam estrutura com raio-x para examinar os pulmões dos mineiros. Após cinco anos em Nairobi, fui para um novo instituto, o *National Institute of Working Conditions on the Environment*, muito mais voltado à Higiene do Trabalho, Ergonomia, e outras informações impulsionadas pelo desenvolvimento da informática na década de 1980. E a partir de 1983 me estabeleci na Tailândia.

O senhor iniciou na África, depois foi para a Tailândia e Cingapura?

Sim, fiquei na Tailândia até 1986 e depois fui para Genebra como chefe do Centro Internacional de Informação de Segurança e Saú-

de no Trabalho onde fiquei por 10 anos. E depois de 10 anos, outros 10 anos como diretor do Programa *Safework* da OIT. E atualmente estou como presidente do ICOH trabalhando para o próximo Congresso Mundial de SST em Cingapura.

Qual sua impressão ao sair da Finlândia, onde havia condições de segurança e saúde de Primeiro Mundo e ir para a África, um continente com situação muito difícil de trabalho? Como foi esta experiência para um jovem engenheiro que começava em sua profissão?

Naturalmente são práticas muito diferentes, mas os processos técnicos são os mesmos em uma fazenda de algodão, por exemplo, ou depois na indústria em que o algodão será manufaturado e transformado em tecido.

O mesmo processo na Finlândia, na África ou em Cingapura?

Sim, as máquinas são da Suíça ou da Alemanha, mas são exatamente as mesmas na África depois em Beijing, na China. Também o metabolismo do *homo sapiens* é o mesmo, o DNA é o mesmo, os efeitos da exposição são os mesmos. A diferença é que muito mais gente trabalha na agricultura nos países pobres. Não há muitas indústrias, não há muitos serviços. E também outra grande diferença é a educação. Por exemplo, no Quênia, nesse momento e nos últimos 30 anos, acredito que há aproximadamente 15 mil alunos cursando universidades. Só 15 mil em um país com 20 milhões de habitantes, o que não é muito. Na Finlândia, com 5 milhões de habitantes, temos pelo menos 500 mil na universidade. Esta é a diferença, muita gente que não sabe ler. Mas a inteligência não é diferente, a capacidade é a mesma, porém, a educação não é possível.

Durante o seu trabalho na OIT nos anos de 1980, o senhor foi para Genebra e trabalhou mais internamente. Nesse perí-

do cresceram muito as ações da OIT na área de SST? Quais os principais trabalhos que o senhor acompanhou/ajudou a desenvolver como coordenador do Programa Safework?

A OIT é uma organização grande, importante, mas no mundo ela não é grande. Os profissionais de saúde e segurança na OIT somam no máximo 40 pessoas em todo o mundo. Não é muito. As principais iniciativas são normas e convênios. Naquela época, trabalhávamos com muitos convênios novos, recomendações, códigos em diferentes níveis. Por exemplo, saúde e segurança na agricultura, o que era uma coisa nova, ou seja, como estabelecer práticas seguras em países diferentes. Outra ação é no sentido de estabelecer projetos em países diferentes, não com recursos da OIT, mas com recursos de países ricos como Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos entre outros. É um trabalho bastante grande obter recursos para os países. O meu primeiro trabalho em Nairobi foi um projeto com o governo da Finlândia, quando conseguimos praticamente um milhão de dólares para desenvolvê-lo. Hoje há uma nova ideia que é estabelecer um programa de 'lesão zero', não enfocando apenas acidentes, mas também doenças. Mas será possível eliminar os problemas no trabalho? No caso do câncer de pulmão, será possível eliminar todas as exposições ocupacionais provenientes do amianto e de tantas outras substâncias? E depois, gradualmente, reduzir para zero? Este é um trabalho para 50 anos ou muito mais. Mas os Estados Unidos prometem 10 milhões de dólares, a Alemanha 5 milhões, outros países também. É um programa que deve reunir em torno de 50 milhões de dólares. É uma boa quantia para países muito pobres em Saúde e Segurança do Trabalho.

Quais áreas são prioritárias nestes programas?

Um tema muito comum é a mineração. Muitos países têm problemas nesta área, como Vietnã, África do Sul, onde há muitos perigos neste setor e também há muitos outros. Mas não em todos os países. Pode ter um programa específico somente para um país, mas também pode ter um programa para um grupo de países. Temos um programa para todos os países da África que falam inglês. Mas há outros programas voltados a como estabelecer legislação, regulamentação, aspectos legais em SST, que é um trabalho contínuo em diferentes países. O próximo a ser desenvolvido é o programa sobre lesão zero para a cadeia de suprimentos, envolvendo pessoas que trabalham desde o beneficiamento da matéria-prima até a entrega do produto final ao consumidor. Estas redes também envolvem grande número de terceirizados que fornecem sua mão-de-obra. Como em Bangla-

desh com seus sérios problemas na confecção de roupas ou no Brasil, com a mineração e o beneficiamento de pedras semipreciosas. Enfim, a ideia é identificar os problemas e impactar de alguma forma. Há um compromisso dos governos com a OIT em estabelecer um trabalho decente, seguro e saudável. Problemas temos em todos os processos, mas eles variam conforme o lugar. Esse é o trabalho da OIT, não é milagroso, é limitado também. Quando há comprometimento de governo temos uma boa oportunidade. Já quando os governos são corruptos ou não interessados é muito difícil porque o comprometimento pode ser apenas este ano e daqui há cinco anos, quando mudar o governo, não se sabe. Por isso é importante uma política internacional para promoção dos ideais em SST.

Além das normas que ajudam a reduzir acidentes e doenças, as estatísticas dos países são muito difíceis de se conseguir.

Esta é uma prática muito bem estabelecida em países ricos que possuem muito boas estatísticas. Nos países nórdicos tudo é calculado. Na Alemanha todas as estatísticas são exatas. Na prática, os melhores em estatísticas são Alemanha, Finlândia e Luxemburgo porque todos os detalhes são calculados, a informação é pública, transparente. Mas quando visitamos, por exemplo, Malawi, na África Oriental, a primeira questão é quantos acidentes têm em Malawi? A estatística diz que foram 185 acidentes fatais no último ano informado. Estes seriam todos os acidentes em um país com 12 milhões de habitantes? Se for assim, na Finlândia nós devemos estar muito mal porque somos 5 milhões e temos 100 mil acidentes a cada ano. Deve ser muito perigoso na Finlândia... (risos). Em meu trabalho na OIT de estabelecer estimativas de acidentes para o mundo, identificamos 2,3 milhões de acidentes fatais e muito mais acidentes não fatais e doenças relacionadas ao trabalho. Talvez 200 ou 300 milhões de acidentes e doenças não fatais. Temos países com estatísticas muito boas como no sudeste asiático. A Malásia é muito boa em estatísticas, é uma referência para os outros países nesta região. Na América Latina países que têm estatísticas muito boas são Brasil e Chile, diferente de outros países como Peru, Paraguai e Costa Rica, onde não se tem nada.

Qual a sua avaliação sobre a preocupação das empresas com os acidentes?

É importante que todas as empresas trabalhem em cima dos seus acidentes, mas elas não estão interessadas no acidente. Isso não é problema para elas se forem eficientes economicamente. Uma ideia é trabalhar em cima das evidências. Se temos uma boa evidência com relação ao impacto sobre a saúde e segurança dos trabalhadores é possível



Em meu trabalho na OIT de estabelecer estimativas de acidentes de trabalho para o mundo, identificamos 2,3 milhões de acidentes fatais e muito mais acidentes não fatais e doenças relacionadas ao trabalho. Talvez 200 ou 300 milhões de acidentes e doenças não fatais

convencer as empresas.

O senhor hoje está em Cingapura e um dos trabalhos que está desenvolvendo é o planejamento do Congresso Mundial de Segurança e Saúde no Trabalho que acontece em 2017.

Este congresso ocorre a cada três anos. Em 2014 foi em Frankfurt, na Alemanha e o próximo será em Cingapura. Essa é uma das razões pelas quais estou em Cingapura. O meu primeiro congresso foi em 1964 em Dublin, na Irlanda. Meu trabalho consiste em auxiliar na sua organização, mas Cingapura é muito dinâmica, muito bem organizada, o PIB é um dos melhores, inclusive que de países da Europa ou dos Estados Unidos. Não há problema de dinheiro, o problema é somente a falta de experiência. Para mim é uma grande oportunidade porque não posso mais trabalhar na União Europeia depois dos 75 anos. Em Cingapura posso trabalhar, é muito fácil continuar atuando. Estou muito contente e também neste país não há uma tradição com relação às evidências em Segurança e Saúde no Trabalho e o meu trabalho pode ajudar muito nas pesquisas, novos estudos e estatísticas junto às universidades.

A partir de toda essa vivência que o senhor teve em vários países, quais as perspectivas da SST para o futuro?

Há uma diferença muito grande entre hoje e 40 ou 50 anos atrás. Era totalmente diferente. Em muitos países, incluindo os grandes como a China, houve um progresso enorme. Estou convencido de que este progresso também será possível nos próximos anos, mas não é automático. Há que se trabalhar muito para isso. Hoje há uma boa possibilidade em Cingapura. É possível evoluir também em países não tão ricos quanto Cingapura, mas em outros países da Ásia, como na Índia. Lá há uma necessidade de cobertura dos trabalhadores que atuam também no trabalho informal. A nossa ideia é que todos sejam cobertos pela legislação, pela inspeção e pela compensação em caso de doenças e aciden-

tes. Hoje na Índia apenas seis por cento dos trabalhadores são legalizados. Todos os outros 94% estão descobertos, não há saúde e segurança para a maioria da população. Há muitas doenças e as doenças transmissíveis são as mais comuns. Na China isto já não é problema.

China e Índia possuem realidades muito diferentes hoje do ponto de vista ocupacional?

Sim, hoje em dia as estatísticas de acidentes fatais da China estão disponíveis, mas há problemas com os trabalhadores rurais, por exemplo, que atuam informalmente e não estão sujeitos a nenhum tipo de inspeção ou cobertura por acidente ou doença do trabalho. Este é um desafio para o próximo governo, é um país grande e com muitos estados, alguns muito pequenos. Na China, assim como no Brasil, há situações diferentes dependendo do estado, será um processo demorado. Há muitos problemas com mineração também, mas estou muito contente com as estatísticas atuais. Há 10 anos não havia números nem estatísticas. Hoje é possível conhecer esses números.

E essa evolução lenta pode se constatar em vários países?

Sim, no mundo todo, mas é mais rápido em alguns países e mais lenta em outros. Em países onde há guerras como a Síria não há evolução nesta área. A paz é importante. Entre os novos objetivos das Nações Unidas, o primeiro deles é a paz. É prioridade para o progresso e consequentemente também para a evolução da saúde e segurança. Por outro lado, hoje nós precisamos ter um novo paradigma. O que seria um local de trabalho seguro e saudável? É aquele em que todos colaboram para um processo de melhoria contínua para proteger e promover saúde, segurança e bem-estar. Nós temos necessidade de mudança. Não apenas trabalho seguro de 9 da manhã às 5 da tarde. Mas um trabalho seguro para o resto da vida. Temos que cobrir toda a população de trabalhadores para fazer esta mudança de mentalidade. Reconhecer os riscos ocupacionais e identificar todos os fatores que afetam a saúde, para que as pessoas possam ter saúde pelo resto da vida. As pesquisas revelam que as pessoas têm medo de morrer em acidentes aéreos, mas há uma diferença entre a percepção das pessoas e a realidade das estatísticas que nos mostra que o problema está em cânceres, acidentes de trabalho, doenças circulatórias. Temos que nos preocupar com os problemas maiores. E os riscos relacionados ao trabalho são componentes que as pessoas não levam em consideração. Nosso papel é também de mudar a percepção das pessoas, dos políticos. Queremos promover bem-estar através do trabalho.